

Ana Moraes

Como você se define profissionalmente?

Considero-me lighting designer, mas também um “architetto”, nos moldes bem italianos, operando de maneira bastante aberta e abrangente. Acho fundamental o domínio da técnica da luminotécnica aliada à visão arquitetônica, social, psicológica, econômica nas nossas intervenções, no nosso trabalho.

Quando e de que forma a iluminação começou a fazer parte de sua vida?

Como arquiteta, trabalhei predominantemente em projetos comerciais. Quando terminei o mestrado, tive a sorte de trabalhar em Milão com Luigi Manzoni, um arquiteto muito conceituado na época, com quem aprendi a base teórica, técnica e humanista da luminotécnica. Dois anos depois, trabalhando na iluminação de edifícios históricos no escritório Ferrara, Palladino & Partners, também de Milão, comecei a lidar com essa tipologia de arquitetura.

Quais os principais trabalhos realizados por você?

Como colaboradora, a Sacristia da Basílica de São Pedro e o Projeto de Diretrizes para o Palácio de Montecitorio, ambos em Roma, e, como autora, o Centro Cultural Júlio Prestes, a Sala São Paulo, o edifício Plaza Iguatemi, o Museu do Butantan, em São Paulo, e o Parque do Museu da República, no Rio de Janeiro, entre outros.

Você já desenvolveu ou desenvolve outras atividades além do lighting design?

Tive a sorte de ter experiências ricas e variadas na área de arquitetura, design e iluminação. Trabalhei em grandes empresas e pequenos escritórios, o que me deu



Arquiteta paulistana, residente no Rio de Janeiro, mestre em design industrial pela na Domus Academy, de Milão.

Entrevista concedida a Claudia Sá.

flexibilidade e uma visão ampla de todas as interferências que atingem o trabalho criativo. Já desenhei móveis, sendo um deles produzido pela Molteni & Molteni por cinco anos; desenhei luminárias para Profilli e Reggiani; fui professora em cursos de pós-graduação em Lighting Design; e, raramente, faço projetos de arquitetura, só para amigos, para não “perder a mão”.

Fale sobre o Ana Moraes Projetos. É um escritório de iluminação independente?

Somos um escritório de projetos de lighting design, situado no Rio de Janeiro, registrado em 1998. Nós dependemos exclusivamente de nossos clientes, de nosso conhecimento, experiência e troca de informações.

Em sua opinião, o que é necessário para se tornar um bom lighting designer?

Como em qualquer profissão, gostar da atividade; ser bom observador; ser

humilde o suficiente para dizer “eu não sei”, mas persistente na busca do conhecimento; não se contentar com fórmulas prontas e ter coragem para experimentar algo novo; e, por fim, colocar amor, ter prazer no que faz e consciência das conseqüências do seu trabalho.

Qual é sua avaliação sobre o desenvolvimento da profissão nos últimos anos?

Nos últimos dez anos, nossa maneira de trabalhar mudou significativamente. Os softwares tornaram o processo mais rápido e competitivo. A oferta de ferramentas aumentou e, atualmente, o excesso de informações e a sofisticação demandam a ação de um profissional especializado. Digamos que as exigências aumentaram, a competição idem, mas o mercado não cresce no mesmo ritmo. A formação profissional também precisa de maior empenho, e nessa área existem muitas lacunas.

E no Brasil, estamos andando no mesmo ritmo dos países de primeiro mundo? Se não, o que falta fazer para conseguirmos alcançá-los?

Como projetistas, sim. Temos os mesmos problemas, a mesma maneira de trabalhar e pontos de vistas bem similares. Mas, no que diz respeito à oferta de ferramentas, definitivamente, perdemos o trem. Temos um mercado bastante restrito, poucos são os fabricantes de luminárias que fornecem informações técnicas que nos ajudem a obter resultados precisos e confiáveis. O design das luminárias técnicas ainda é deficiente e seu custo relativamente alto. Tenho esperança nesse momento de ajustes macroeconômicos, pois são nos momentos de mudança que temos que ser realmente criativos e exigentes. ◀